



A HISTÓRIA ORAL E AS SUBVERSÕES AO MÉTODO

Resumo - A história oral como método estabelece formas concretas para recolha e análise de dados. Este ensaio tem por objetivo discutir o método e apresentar alternativas para a recolha e interpretação dos dados, a partir de experiências práticas de entrevistas com a comunidade judoística. Assim, procuramos complementar os processos de recolha e análise de dados a partir de dois estudos onde foram investigados atletas e professores do nível de competição de elite do judo brasileira e portuguesa. Especificamente, estes estudos permitiram a criação de uma proposta de análise que denominamos, 'árvores genealógicas desportivas'. As modificações propostas, visam as seguintes fases do método: 1-critérios de seleção dos indivíduos; 2-formas de abordagem e local das entrevistas; 3-atuação ou imersão na comunidade de investigação; 4-pesquisas nos registos históricos do entrevistado; 5-estabelecimento de marcadores de narrativas e fichas de registo das entrevistas; 6-intervenções durante o relato dos colaboradores, de forma a estabelecer maior proximidade e diálogo; 7-análise dos vídeos captados nas entrevistas como forma complementar ao texto das transcrições; 8-análise de imagens, fotos ou registos históricos dos entrevistados e, 9-elaboração da árvore genealógica desportiva dos atletas. A utilização destas modificações permitiu análises aprofundadas e uma verificação mais rigorosa dos fatos relatados.

Palavras-chave: História oral; Metodologia; Genealogia desportiva; Judo.

ORAL HISTORY AND A REMAKE OF THE METHOD

Abstract – Oral history as a method establishes concrete ways for data collection and analysis. This essay aims to discuss the method and to present alternatives for data collection and interpretation, based on practical experiences of interviews with the judo community. Thus, we seek to complement the processes of data collection and analysis from two studies in which athletes and coaches of the elite competition level of Brazilian and Portuguese judo were investigated. Specifically, these studies allowed for the creation of an analysis proposal that we call 'sport family trees'. The proposed modifications aim at the following phases of the method: 1-individuals selection criteria; 2-ways of approach and place of interviews; 3-acting or immersion in the research community; 4-searches in the interviewee's historical records; 5-establishment of narrative markers and interview record; 6-interventions during the reporting of contributors, in order to establish proximity and dialogue; 7-analysis of the videos records in the interviews as a complementary form to the text of the transcriptions; 8-analysis of images, photos or historical records of respondents; and 9-elaboration of the sports family tree of athletes. The use of these modifications allowed for in-depth analysis and a more rigorous verification of the reported facts.

Keywords: Oral history; Methodology; Sports genealogy; Judo.

HISTORIA ORAL Y UNA NUEVA VERSIÓN DEL MÉTODO

Resumen - La historia oral como método establece formas concretas de recopilación y análisis de datos. Este ensayo tiene como objetivo discutir los problemas técnicos del método y presentar alternativas para la recolección e interpretación de datos, basadas en experiencias prácticas de entrevistas con la comunidad de judo. Por lo tanto, buscamos complementar los procesos de recopilación y análisis de datos de dos estudios en los que se investigaron atletas y entrenadores del nivel de competencia de élite del judo brasileño y portugués. Especificamente, estos estudios permitieron la creación de una propuesta de análisis que llamamos 'árboles genealógicos deportivos'. Las modificaciones propuestas apuntan a las siguientes fases del método: 1-criterio de selección de individuos; 2 formas de acercamiento y lugar de entrevistas; 3-actuando o inmersión en la comunidad de investigación; 4 búsquedas en los registros históricos del entrevistado; 5-establecimiento de marcadores narrativos y de registro de entrevistas; 6-intervenciones durante la presentación de informes de los colaboradores, a fin de establecer una mayor proximidad y diálogo; 7-análisis de los videos de las entrevistas como una forma complementaria al texto de la transcripción; 8 análisis de imágenes, fotos o registros históricos de los encuestados y 9 elaboración del árbol genealógico deportivo de los atletas. El uso de estas modificaciones permitió un análisis en profundidad y una verificación más rigurosa de los hechos reportados.

Palabras-clave: Historia oral; Metodología; Genealogía deportiva; Judo.

Alexandre Velly Nunes

*Escola de Educação
Física, Fisioterapia e
Dança*

*Universidade Federal do
Rio Grande do Sul,
Brasil*

alexandre.nunes@ufrgs.br

Paulo Martins

*Faculdade de
Motricidade Humana*

*Universidade de Lisboa,
Portugal*

pmartins@fmh.ulisboa.pt

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v3.id83](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v3.id83)*

Recebido: 17 Dez 2019

Aceito: 29 Dec 2019

Publicado: 31 Dec 2019

Apresentação

[...] ninguém pode escrever sobre o seu tempo de vida como pode (e deve) fazer em relação a uma época conhecida apenas de fora, em segunda ou terceira mão, por intermédio de fontes da época ou obras de historiadores posteriores (p. 7).¹

A história oral surge como método a partir da segunda metade do século XX e não obstante um percurso de mais de meio século e muitos autores, chega aos dias de hoje na constante procura de formas cada vez mais fiáveis de recolha e análise de dados^{2,3,4,5,6}. No Brasil onde se destaca ‘O Grupo de Estudos Olímpicos’ (GEO), da Escola de Educação Física e Desporto da Universidade de São Paulo (USP) o tema tem merecido muita atenção e profundidade nas abordagens, sendo o seu mais recente contributo datado de 2016, com o título “Narrativas Biográficas”. Foi esta contribuição que estabeleceu o ponto de partida para a reflexão que propomos neste ensaio.

Os ensaios caracterizam-se por serem a apresentação de argumentos ou pontos de vista distintos sobre um problema ou questão. Na essência, trata-se de explorar as diversas possibilidades sobre uma mesma realidade expressa⁷. Hounsell⁷ defende que os ensaios compreendem três subcomponentes: dados, organização e interpretação. Segundo o autor: “Esses três elementos, [...] podem ser considerados como elementos centrais da redação p. 113.”*. Complementarmente, o autor propõe também que estes elementos não têm sentido hierárquico entre si, mas que apesar disso oferecem uma forma de compreensão do problema, já que são sustentados em evidências coerentes como unidade e categorias exclusivas em qualquer investigação⁷.

Sendo este texto um ensaio, o leitor encontrará uma investigação numa abordagem fenomenológica que recorre à redução, à variação eidética e à dedução intuída da essência do problema. Este método permitir-nos-á colocar outras reflexões e quiçá novas possibilidades sobre o modo de utilizar as ‘árvores genealógicas desportivas’ (AGD) como método. Como diria Meneghetti⁸, “A característica mais elementar do ensaio é a originalidade (p. 324)”. A este propósito, pretendemos apresentar algumas sugestões ou formas de entendimento inéditas sobre a construção de

* Tradução livre do autor: “These three elements,[...] may be considered as core elements of essay-writing.”

AGD sem a utilização de sistemas de registo exclusivamente baseados nos registos metodológicos clássicos⁸.

Como já referido, empreendemos numa tentativa fenomenológica de abordagem ao problema, o que implica uma "contemplação desinteressada" de quaisquer interesses pessoais ou psicológicos sobre o tópico. Por outras palavras, trata-se de cumprir a *epoché*, isto é, a suspensão de conhecimentos prévios e abstendo-nos de emitir juízos sobre ela. Todavia, como diria Husserl⁹ a *epoché* é um conceito universal do método fenomenológico, mas impossível de cumprir totalmente, pois toda a existência e entendimento realiza-se pela presença e modo-de-ser no mundo que cada sujeito experimenta.⁹ Deste modo, sentimos que o leitor dará um significado aumentado a este texto se conhecer o percurso do investigador de campo das investigações já antes nomeadas. Assim, a nossa experiência com história oral começou na USP, onde efetuamos mais de uma centena de entrevistas entre 2008 e 2011, e que sob a orientação da Profa. Dra. Katia Rubio, resultou na Tese de Doutoramento: “A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais”. Posteriormente, após mais algumas entrevistas, a tese deu origem a um livro: *Judo: O caminho das medalhas*. Em 2019 decidimos investigar o mesmo tópico e método para compreender o judo em Portugal, pois pelo o que pudemos extrair da revisão de literatura, este assunto sobre a história da modalidade é ainda pouco conhecido até ao momento.

Assim, neste momento enquadrado nos trabalhos de pós-graduação em psicologia e comportamento motor[†], desenvolvido na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, está em curso um estudo onde se pretende identificar a genealogia dos judocas medalhistas portugueses[‡].

No decorrer de ambos os estudos nos deparamos com algumas dificuldades que se apresentaram, tanto na recolha, como na análise dos dados. Com o objetivo de compreender estas questões fizemos algumas modificações de forma a responder a alguns anseios pessoais e peculiaridades do método de história oral. Os dois estudos investigam atletas que conquistaram medalhas olímpicas ou mundiais na modalidade de judo.

[†]supervisionados pelo segundo autor deste ensaio.

[‡]Até ao momento, entrevistámos 29.

Em ambas as investigações o grupo de entrevistados, ou as colônias^{3,10}, são de judocas de destaque e seus influenciadores, professores ou treinadores. Esse elo entre as duas pesquisas é também a ligação que esta pesquisa tem com os autores, ex-atletas, praticantes, professores, treinadores e pesquisadores nas modalidades de desporto de combate e áreas afins.

Os entrevistados foram agrupados em: Atletas e Treinadores e/ou influenciadores. Formando assim duas ‘colônias’ distintas^{3,10-11}. Os dados recolhidos foram registados com uma câmara Sony HD e/ou com telemóvel Andróide de marca Samsung, modelo S8 e posteriormente transcritos total ou parcialmente.

História oral, um método imperfeito

“A história é o que algumas poucas pessoas fizeram enquanto todas as outras estavam arando campos e carregando baldes de água (p. 111)”¹²

Os críticos do método de história oral (HO) argumentam que os dados recolhidos através de entrevistas são pouco fiáveis. Na verdade, essa é uma crítica que pode ser feita a qualquer trabalho de âmbito histórico ou científico. Pois a cada nova tentativa de obter conhecimento implica por vezes, invalidar e modificar conceitos anteriormente estabelecidos. A velocidade de produção de conhecimento e a facilidade de trocas de informações diminuíram significativamente o tempo de duração de determinadas ‘conceitos’ e evidências ‘científicas’.

Como referiu Marc Bloch², “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa (p. 75)”.

Sabe-se hoje e talvez em resposta aos críticos da HO, os testemunhos de pessoas que presenciaram acontecimentos, tem ajudado a desvendar o que experiências e representações que complementam ou em certos acontecimentos, lançam novas perspectivas para a compreensão sobre determinadas ‘verdades históricas’. Os registos históricos algumas vezes servem para encobrir e estabelecer conceitos perfilhados por pessoas ou determinado grupo dominante. O sentido primordial da HO, de acordo com Poirier et al.⁴, é, “[...] conservar documentos ameaçados de desaparecimento, registar a escuta das últimas testemunhas (p. 11)”. A este propósito, cumpre dizer que o nosso

estudo com judocas brasileiros registou as narrativas biográficas de mais de uma centena de lutadores, entre 2008 e 2013 e pelo menos uma dezena destes judocas veio a falecer entre 2013 até ao presente.

A busca epistémica parece ser uma obsessão do ser humano, todavia estamos ainda longe de ter alcançado este desiderato. Evidentemente que se deve à impossibilidade teórica da própria verdade, mas também aos métodos que se utilizam. Vejamos dois exemplos, em que a limitação é de natureza metodológica. Especificamente, são casos sobre acontecimentos da Segunda Grande Guerra que evidenciam tanto a riqueza como as fragilidades da HO enquanto método. No primeiro deles em: “O Último Trem de Hiroshima - os sobreviventes olham para trás” de Charles Pellegrino¹³ e o segundo em: “Samurai!”, livro autobiográfico de Saburo Sakai, uma lenda da Segunda Guerra Mundial como piloto das forças japonesas, de autoria do próprio Sakai, Martin Caidin e Fred Saito. No primeiro livro o registo do equívoco é do próprio autor, Charles Pellegrino, que ao contar a história de alguns dos sobreviventes da Bomba de Hiroshima, afirmou na edição de 2010 do seu livro que, “[...] um repórter do New York Times apresentou provas de que um dos aviadores que eu entrevistara para a primeira edição deste livro não era quem parecia ser (p. xv)”¹³ e como resultado uma parte da história que registava o ponto de vista dos americanos era apenas uma ilusão, ou uma verdade que não aconteceu¹³. O outro exemplo é a história de Saburo Sakai, piloto japonês que durante a Segunda Guerra Mundial (SGM), fez mais de duzentos e vinte voos e sempre retornou a base. A sua versão, contradiz muitos registos históricos dos aliados. Um dos relatos da vida deste piloto japonês modificou o entendimento e até uma história de heroísmo fantástico, contada pelos americanos. Neste livro autobiográfico, Saburo Sakai, que se tornou uma lenda da SGM como piloto da Força Aérea do Exército Imperial Japonês, é considerado o piloto sobrevivente sem captura, com o maior número de aviões abatidos. O livro de Caidin e colaboradores modificou uma parte da história. Fundamentalmente alterou a versão da nação vencedora contada pelo célebre Capitão Colin P. Kelly Jr. Note-se que a narrativa de Sakai é apoiada por documentos da Marinha Japonesa e por outros testemunhos, já que o avião de Kelly foi abatido pelo piloto japonês em missão oficial¹⁴. Este é um exemplo de que a história registada, não é necessariamente exhaustiva e totalmente hermética a novas significações e que poderiam beneficiar com novas pesquisas a diversas fontes.

Perks e Tomson⁵ também entendem que a mais importante contribuição da HO foi, “[...] incluir no registo histórico as experiências e perspectivas de grupos de pessoas que poderiam estar ‘escondidas da história’ [...] (p. ix)”[§]. Os mesmos autores sublinham que método HO, é muito vantajoso pois permite selecionar os colaboradores, o tipo de abordagem e questionamentos a realizar, que facilitará a descoberta de documentos e fotografias que dificilmente seriam conhecidos se, se utilizasse outro método⁵. Todavia, os autores afirmam também que a natureza das HO encerra problemas de fiabilidade da memória contaminados pela natureza do relacionamento da entrevista⁵. Nesta medida, apresentaremos a seguir as propostas para minimizar estas fragilidades em nove itens.

1 Critérios de seleção dos indivíduos

Como anteriormente afirmado, o GEO investiga a vida dos atletas olímpicos do Brasil, que tenham participado em qualquer edição dos Jogos Olímpicos⁶. Contudo, apenas estuda sobre os ‘olímpicos’, que resultava em não considerar os atletas que participavam e por vezes se destacavam se destacavam durante o ciclo olímpico. Concretamente, alguns atletas que foram campeões e até bi-campeões mundiais, não seriam considerados para o estudo^{5-6,11}. Nesta medida, o mesmo critério foi aplicado na elaboração do estudo em Portugal. O judo português possuía apenas duas medalhas em Jogos Olímpicos, conquistadas por um homem e uma mulher. Porém, Portugal havia conquistado sete medalhas em campeonatos do mundo, feito realizado por seis atletas. O que significa que a colônia de atletas participantes no estudo cresceu significativamente, sendo agora 8 indivíduos distribuídos equitativamente entre ambos os sexos^{5,15**}. A verdade destes dois estudos deu voz a protagonistas reconhecidos pela imprensa desportiva, i.e. atletas campeões e seus treinadores nos momentos de sucesso desportivo, mas também a alguns professores do início de suas carreiras que receberam pouca ou nenhuma atenção dos meios de comunicação. Muitos deles são mesmo pouco conhecidos da comunidade judoística local e não lhes é atribuído qualquer destaque.

A obra de Michel Brousse¹⁶ de 2005, ‘Les racines du Judo Français: histoire d’une culture sportive’ ou em tradução livre do autor, ‘As raízes do judo Frances: uma

§ Tradução livre do autor: “[...] to include within the historical record the experiences and perspectives of groups of people who might otherwise have been ‘hidden from history’[...]”

** Portugal conquistou mais duas medalhas através da Luso-brasileira Bárbara Timo, que se sagrou Vice-Campeã e de Jorge Fonseca, conquistou pela primeira vez para Portugal, um campeonato do mundo no judo.

história da cultura desportiva’ regista com profundidade o surgimento e desenvolvimento do judo em França. Brousse aborda as dificuldades do método em relação aos critérios de seleção dos colaboradores. O autor aponta a relevância e a admissibilidade como dois fatores importantes, não somente para a definição dos colaboradores, mas também das fontes documentais. Em linha com Brousse, tanto pelo grau de representatividade dos atletas quanto pelas personagens citados nas suas narrativas biográficas, a seleção dos nossos colaboradores cumpre. Pois, a seleção foi feita a partir das indicações diretas dos atletas em que eles é que determinaram quem foram suas influências e que vieram. Assim, acreditamos que os colaboradores selecionados por este critério têm forte probabilidade de terem sido as figuras significativas no surgimento e desenvolvimento do judo no Brasil e em Portugal. Complementarmente, o cruzamento das informações prestadas e a verificação da sua consistência com os registos históricos existentes, parecem solucionar esta questão em relação ao grau de fiabilidade dos relatos dos depoentes.

2 Forma de abordagem e local das entrevistas

O judo brasileiro foi nas suas origens desenvolvido por japoneses e ‘*nikkei*’^{††}. Esta conjuntura deixou traços muito fortes da cultura japonesa na comunidade de praticantes de judo que permanecem até os dias de hoje. As regras de convivência no dojo e fora dele, nomeadamente o respeito ao mestre, usualmente chamado de ‘*sensei*’ no Brasil, a disciplina pessoal rígida, a deferência em relação aos mais velhos e mais graduados é muito importante^{15,17-18}. Já que fazemos parte desta colônia, pois fomos também judocas, estes aspetos foram igualmente considerados como investigador no estudo conduzido no Brasil. Fazemos notar que esta situação foi uma vantagem de duas maneiras para conseguirmos realizar uma boa entrevista, i.e. termos sido percebidos como alguém que conhece e respeita esse mesmo ambiente. Algumas sugestões de aprofundamento de questões se devem ao facto de conhecermos bem o ambiente relatado. Mas nem sempre estes aspetos se revelaram uma vantagem, já que em alguns dos casos a relação ‘*senpai/korai*’, ou seja, o mais antigo e o mais novo, é sobrevalorizada pelo *senpai*, impedindo a fluidez na colocação das perguntas sobre

^{††}*Nikkei* é uma palavra que se refere aos imigrantes ou descendentes de japoneses. Conforme a geração podem ser *Issei* (o que imigrou), ou seus descendentes: *nissei*, *sansei*, *yosei* e assim por diante, japoneses de segunda, terceira e quarta geração, respetivamente.

temas que nos pareciam merecer maior atenção ou até no pedido de acesso à documentação. Assim sendo, a partir desta ideia, a preparação para as entrevistas foi adequada a esta situação, i.e., quando se tratava de um atleta mais jovem ou de um professor mais antigo, (quer fossem ou não das nossas relações próximas). Por exemplo, especialmente se fôssemos desconhecidos, a preocupação com a apresentação era inclusivamente uma preocupação. Uma boa apresentação nesse caso significava a apresentação de um ‘*senpai*’ ou de um ‘*korai*’ respeitado pelos seus resultados. Aqui cabe sublinhar a importância do respeito pela linha hierárquica, conceito muito presente no cotidiano da cultura japonesa e muito presente também na comunidade dos desportos de combate e artes marciais, onde se inscreve o judo. Na opinião de Michel Brousse¹⁶

Assim, como prática coletiva, o judo representa uma sociedade hierárquica e ritualizada. A atividade, então, refere-se a um compartilhamento de códigos e valores importantes. Tornar-se judoca implica estar em conformidade com os costumes estabelecidos para e pela comunidade (p. 15)^{**}

Considerando isto identificamos três tipologias de colaboradores e, portanto, três diferentes tipos de abordagem. A primeira é dirigida ao grupo de mais fácil acesso, i.e., os atletas e treinadores nossos conhecidos e ou de relações próximas. A segunda abordagem, foi dirigida ao grupo de atletas e professores não conhecidos pelo investigador. A terceira e mais delicada, muitas vezes, e que dependia de uma boa apresentação, foi dirigida aos professores que não nos conheciam, especialmente os japoneses ou *nikkei*. E novamente recorremos a Michel Brousse¹⁶, embora esteja se referindo ao judo em França, para descrever o tipo de relação mantido ao longo da entrevista, “Regras de conduta, precedência, acesso ao conhecimento, mas também sujeição ou autoridade de acordo com o nível de expertise e antiguidade dita os comportamentos e formam a vida cotidiana do mais graduado á do menos graduado (p. 15)”.

^{**} Tradução livre do autor: “Ainsi, en tant que pratique collective, le judo représente-t-il une société hiérarchisée, ritualisée. L’activité renvoie alors a un partage de codes et de valeurs impórtés. Devenir judoca implique de se conforme aux usages établis pour et par la communauté.”

Como anteriormente referido, no Brasil como em França, devido à forte influência japonesa, o judo é um reflexo da cultura e modelo de sociedade altamente hierarquizada e ritualizada, onde a partilha e transmissão de códigos e valores é muito acentuada. Assim, também no judo tal como na sociedade japonesa, o indivíduo tem a responsabilidade de corresponder aos costumes estabelecidos pela comunidade. Os judocas parecem fazer parte de um ‘social world - mundo social’^{§§}, conforme definição de Jay Coakley¹⁹, “O conceito de mundo social refere-se a uma esfera identificável de ações e relacionamentos cotidianos (p. 50)”^{***}.

Nos dois estudos, concretamente no trabalho de campo, verificamos a validade desta ideia, estamos convictos que foi importante fazer este movimento psicológico de aproximação ao mundo social dos entrevistados. Ainda assim, este trajeto não foi isento de dificuldades, pois no caso da experiência brasileira, a posição hierarquicamente inferior à dos colaboradores, revelou-se muito difícil de ultrapassar nos momentos de solicitação ao esclarecimento de conceitos. Notámos mesmo que essas solicitações eram recebidas com uma certa desconfiança e por vezes até a resposta era dada como se a sua credibilidade e autoridade estivesse em causa.

Outro aspeto vivido e que nos colocou em desafio, foi o local das entrevistas. Metodologicamente seguimos dois critérios: 1. de que no primeiro contato se deve estabelecer uma relação cordial e não invasiva de modo a estabelecer uma relação de confiança; 2. A escolha livre do local do encontro revela o valor atribuído e a abertura à experiência proposta. Assim, a marcação das entrevistas (a maior parte via telemóvel) permitiu a escolha livre por parte dos colaboradores sobre o local do encontro. Na verdade, à medida que fomos realizando as entrevistas, verificámos a influência real da escolha livre do local sobre a narrativa. Por exemplo, alguns colaboradores marcaram a

^{§§} A definição de ‘social world’ apresentada por Coakley está melhor explicada no texto abaixo: “Social worlds can be as large and impersonal as an entire nation, such as the United States or Brazil, or as personal and intimate as your own family. But regardless of size, they encompass all aspects of social life: (a) the values and beliefs that we use to make sense of our lives; (b) our everyday actions and relationships; and (c) the groups, organizations, communities, and societies that we form as we make choices, develop relationships, and participate in social life.” (Coakley, 2015, p. 5) Em tradução livre do autor: Os mundos sociais podem ser tão grandes e impessoais quanto uma nação inteira, como os Estados Unidos ou o Brasil, ou tão pessoais e íntimos quanto sua própria família. Mas, independentemente do tamanho, eles abrangem todos os aspectos da vida social: (a) os valores e crenças que use para entender nossas vidas; (b) nossas ações e relacionamentos cotidianos; e (c) os grupos, organizações, comunidades e sociedades que formamos ao fazer escolhas, desenvolver relacionamentos e participar da vida social.

^{***} No original: “The concept of social world refers to an identifiable sphere of everyday actions and relationships”^{16,19}.

entrevista na sua casa, isto revelou o seu interesse e a importância atribuída à entrevista, mas na prática possibilitou também a mostra de registos, fotos e recortes de jornais. Adicionalmente, o segundo local mais solicitado é o *dojo*, ou clube onde o ‘sensei’ atua e da nossa experiência ficou-nos a ideia de que é bem provável, que o ‘sensei’ queira mostrar o seu trabalho, os seus alunos e o seu *dojo*. Aqui, revelou-se mais uma vez é importante fazer parte do ‘mundo social’ do colaborador. Por exemplo, tendo isto em vista, utilizámos a estratégia de levar e usar o ‘*judogui*’ no dia da entrevista. Esta estratégia foi muito útil para estabelecer um clima de confiança, quer no Brasil quer em Portugal. Mais, pessoalmente transportou-nos também para o imaginário e espaço mental das memórias dos colaboradores. Um terceiro local que se apresentou como intermediário, entre o *dojo* e a residência, são os restaurantes. Imediatamente compreendemos que a escolha se deve ao significado pessoal que aquele espaço tem para o colaborador. A escolha do local parece também ser influenciada pela idade e pelo momento da carreira. Por exemplo, os treinadores ainda no ativo, parecem preferir ser entrevistados no *dojo*. Porém os treinadores já retirados, preferem as suas residências ou outros locais com significado pessoal. Para os treinadores ainda no ativo, o período da época é outro aspeto a considerar, por exemplo, os períodos de treino próximo das competições são momentos muito sensíveis a qualquer elemento estranho ao seu cotidiano e são lidos como agentes de perturbação ao seu desempenho. Por essa razão, os judocas concedem entrevistas sob a garantia da não interferência, ou recusam indicando um colega ou entregando por vezes a decisão ao seu ‘sensei’. Não raras são as vezes que o calendário desportivo muito preenchido e vivido intensamente entre treinar, competir ou descansar para o próximo treino, impede atletas e treinadores no ativo de dar entrevistas. A aproximação do investigador deve considerar que a aceitação do colaborador não depende apenas da disponibilidade e abertura à experiência de aceder a memória, mas também da sua agenda. Não entender essa dinâmica é lida como não fazer parte do seu mundo e, nesse caso, a qualidade e profundidade das respostas estará comprometida. Pelo exposto, recomendamos que metodologicamente o local da entrevista deve sempre ser escolhido pelo colaborador ao invés de um espaço académico e da conveniência do investigador.

3 Atuação ou imersão na comunidade de investigação, etnografia?

“O Homo sapiens evoluiu para achar que as pessoas se dividiam entre ‘nós’ e ‘eles’. ‘Nós’ era o grupo imediatamente á sua volta, independentemente de quem você fosse, e ‘eles’ eram todos os outros (p. 179)”.¹²

Conhecendo bem a comunidade judoísta, com as suas características e formas de agir próprias, sabíamos que não bastaria a nossa técnica instrumental de entrevistador, era necessário mais do que isto. Na verdade, precisávamos fazer parte do ‘nós’ de modo ao estabelecimento da confiança partilhada entre entrevistador e que é verdadeiramente propiciadora ao ambiente revelador das narrativas. A questão aqui é, após a identificação e localização do indivíduo, que tipo de abordagem permite uma boa narrativa? É evidente que essa resposta depende de múltiplos fatores. Perez²⁰ aborda essa questão e encontra em Alberti^{†††} (2005 apud Perez, 2016, p. 142), uma posição, “[...] quando há proximidade social ou familiar, o entrevistado sente-se mais suscetível à comunicação, porque quando alguém conhece ou compartilha do mesmo meio social temos como pressuposto comungar as respostas.” Além disso, nem sempre os narradores, estão disponíveis ou desejosos de expor suas histórias ou torná-las públicas. Assim sendo, três estratégias se vislumbram, 1. ou o entrevistador conhece o colaborador, 2. ou o entrevistador faz parte da comunidade do colaborador, e 3. É solicitada a presença de um intermediário que obviamente é das relações próximas do colaborador.

Os lutadores de um modo geral, e judocas mais especificamente identificam-se como indivíduos inseridos numa comunidade com uma cultura própria, como uma espécie de ‘tribo’. No Brasil, em Portugal e em muitos outros países, a cultura própria do judo reside no facto de ser vivido para além de desporto, é vivido como um caminho para a vida, tal como a ideia original de Jigoro Kano, seu criador. Esse caminho é quase sempre trilhado por muitos anos, onde a disciplina, a hierarquia, determinados comportamentos e etiquetas estão incutidas no cotidiano e modo-de-ser de cada praticante^{16,19}. Este conhecimento permitiu-nos intuir que para uma entrevista profícua o *dojo* era o melhor local para a realizar as entrevistas aos atletas e treinadores ainda no ativo. Esse período variou de um único treino ou algumas semanas no local. E, uma vez

††† Alberti V. Fontes orais: história dentro da história. In: PINSKY CB. (Ed.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto; 2005.

mais, o nosso ‘*judogui*’ experimentou tatames no Brasil e Portugal. A este propósito, temos para nós a ideia, de que o corpo deu uma importante contribuição para conseguir as narrativas. Assim, já no local de treino, a apresentação era feita muitas vezes por um atleta destacado. Outras vezes, a apresentação era realizada por um professor das nossas relações, onde se observava claramente a ascendência. Novamente a relação *Senpai/korai* funcionava.

Estas estratégias facilitadoras de entrevistas em profundidade, encerram, todavia, a desvantagem de aumentar o viés etnográfico. De qualquer forma trabalhar com HO é estar na fronteira de outras práticas (métodos) como a etnografia e análise do discurso. Não pretendendo aventurar-nos nesta discussão, referimo-nos a este aspeto apenas para relatar a nossa prudência quanto à sua utilização e que no essencial utilizamos para recolher os dados de acordo com o método regularmente utilizados em estudos etnográficos oriundos da antropologia^{21,22}.

4 Pesquisas aprofundadas nos registos históricos do entrevistado de forma a conhecer os principais acontecimentos de sua vida pessoal e desportiva

O conhecimento prévio da história de vida dos nossos colaboradores parece ser fundamental. Desde logo, porque a entrevista é conduzida permitindo a expressão livre sem qualquer preocupação de ordem cronológica dos factos. Porém, em alguns momentos, pode e deve ser redirecionada para os aspectos que forem de interesse do investigador, e.g. quando o colaborador parece perdido ou muito afastado do tema. Estas estratégias têm também o efeito de colocar o entrevistador ‘mais próximo’ do colaborador, aproximação que evidentemente tem diversas vantagens, e.g., facilita a interpretação das omissões, das emoções, dos sentimentos ou das intenções do colaborador. Mais, no caso concreto dos atletas, saber o seu currículo desportivo foi uma estratégia que observámos, ser muito útil para a aproximação ao colaborador, e.g., saber exatamente onde e quando o atleta conquistou os seus melhores resultados sublinhando o valor atribuído a cada conquista. Complementarmente, a procura em sites (especializados ou generalistas) de relatos orais diretos sobre os atletas, foram também procedimentos importantes para permitir o aprofundamento desejado nos temas da entrevista.

Neste tipo de investigação, além da profundidade, é necessária a verificação da veracidade histórica da narrativa. E se possível procurar explicar as dissemelhanças entre a mesma e os factos registados. Mais uma vez nos apoiamos em Poirier et al.⁴ e colaboradores, “[...], é não somente legítimo, mas também necessário, não relativizar e verificar o testemunho obtido a partir dos informantes. Não havendo verificação, a finalidade do documento achar-se-á gravemente comprometida (p. 15)”.

No estudo em Portugal a pesquisa prévia foi apoiada em registos históricos das páginas eletrônicas da Federação Portuguesa de Judo (FPJ), da União Europeia de Judo (EJU) bem como na bibliografia disponível nesses locais. Dois destes livros são autobiográficos, um deles sobre a vida de Telma Monteiro^{†††} e o outro sobre a vida de Nuno Delgado^{§§§}, são: JUDO ilustrado – Kyu & Dan, de Kiyoshi Kobayashi, e o terceiro um livro comemorativo dos 50 anos da FPJ, de Rita Matos.

Como afirmado, o objetivo é reunir a informação que permita elaborar um guião de entrevista que possa estimular o colaborador a elaborar sobre os temas da investigação. E, ao mesmo tempo procurar compreender eventuais omissões ou imprecisões do colaborador. Por exemplo, Telma Monteiro, conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro na categoria -57kg, após conseguir estar presente em cinco finais consecutivas em campeonatos do mundo. Aqui, mais uma vez, o conhecimento prévio do trajeto desportivo da atleta revelou-se profícuo, mas nenhum destes registos nos deu a informação de que a atleta ainda está à procura de uma qualificação os Jogos de Tokyo! Este trajeto revela bem a singularidade de cada sujeito apoiando a ideia de que metodologicamente seja realizada sempre uma pesquisa extensa com recurso a várias fontes sobre as carreiras desportivas dos colaboradores.

5 Estabelecimento de marcadores de narrativas e registo imediato das entrevistas

Segundo Poirier et al.⁴, os marcadores de narrativa auxiliam o investigador a não negligenciar nenhum dos temas em estudo facilitando a análise, sem recorrer ao texto transcrito ou a narrativa gravada, “[...], se o narrador se pode exprimir sem nenhum constrangimento nem restrição sobre todos os assuntos, da maneira que escolher, isso

††† Monteiro T. Na vida com garra: uma história inspiradora de superação e conquista. Lisboa: Letras & Diálogos; 2016.

§§§ Cachada JM, Aranha A, Rocha A, Marinho T. Nuno Delgado: Uma história de vida, um ensaio para a excelência. Portugal: CERPSI; 2016.

não deve obstar a que o narratório possa –deva- assegurar-se de que nenhum ‘campo’ da memória é negligenciado (p. 13)”.

Na verdade, cada marcador abre a possibilidade de discutir assuntos distintos a partir da narrativa individual de cada colaborador. Este procedimento é indispensável, sob pena, não sendo realizado, da narrativa tornar-se insuficiente ou pobre. No limite, o registo imediato auxilia simultaneamente na análise das narrativas e previne que o investigador se exceda realizando demasiadas intervenções. No estudo realizado no Brasil, onde não havíamos esta técnica, notámos algumas vezes que alguns temas não tinham sido considerados nas narrativas dos colaboradores. Assim, no estudo realizado em Portugal, criámos um registo pós-entrevista com marcadores de narrativas que direccionam o colaborador para as questões para os temas em estudo, são eles: os dados biográficos, motivos de iniciação e de participação para a prática do judo, características que identificam o judoca vencedor, momento da carreira desportiva em que os objetivos para treinar e competir no alto rendimento surgiram, momento de transição de carreira, dificuldades e técnicas utilizadas para a perda de peso, principais lesões, adversários mais importantes, perfil do treinador e finalmente: O que pode ser feito para a evolução do judo em Portugal?

6 Intervenções durante o relato dos colaboradores, de forma a criar uma situação de proximidade e até um diálogo

Para resolver os problemas mais prementes do mundo, as pessoas não precisam de mais volumes de informação e conhecimento, precisam adquirir a capacidade de conversar entre si através dos limites da cultura, religião e idioma. O diálogo é absolutamente essencial e crítico para o encontro entre civilizações (p. 274).^{****23}

A técnica para as entrevistas em história oral prescinde de perguntas. A pergunta inicial, se não a única é: Qual é a sua história de vida? A ordem dos factos é determinada pelo narrador, sem interrupções, de modo a deixá-lo totalmente livre para

****To solve the world’s most pressing problems, people do not need more volumes of information and knowledge, they need to acquire the capacity to talk to each other across boundaries of culture, religion and language. Dialogue is absolutely essential and critical to the encounter between civilizations. (Tradução do autor)

se expressar. Em geral, os narradores falam primeiro dos temas que lhes parecem mais relevantes, ou referem-se àqueles factos que são conhecidos da comunicação social ou ainda de seu interesse pessoal. Não existem regras e cada um expressa conforme entende o que seja o mais adequado. No decorrer das narrativas o entrevistador também pode fazer intervenções solicitando aprofundamento em alguma questão.

Segundo Jacques Le Goff^{†††} (1992, apud Bloch, 2002, p. 27), o essencial é observar que os documentos e os testemunhos, “só falam quando sabemos interrogá-los...”; toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a investigação já tenha uma direção”.

Todavia, em algumas entrevistas acontece que o narrador não dar a devida ênfase sobre acontecimentos considerados importantes, outras vezes, acontecem falhas mnésicas, outras vezes acontecem criações de falsas memórias e algumas vezes também acontecem omissões intencionais. Aqui cabe ao investigador ter bom senso e interpretar os motivos segundo o qual o narrador decidiu relatar sobre cada tema ou ainda no fecho da narrativa, procurar incentivar o relato sobre factos não explorados pelo narrador, pois segundo Poirier et al.⁴, “[...] pois os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los (p. 79)”.

Assim no estudo em Portugal abrimo-nos ao diálogo com o narrador. Passámos de uma postura totalmente neutra para o diálogo aberto com o colaborador, demonstrando conhecimento sobre factos e acrescentando em alguns casos, assumindo posições ou outras versões para estimulá-lo a dar seqüência na sua narrativa. De Feijter²² afirma que o diálogo é a técnica mais adequada para estabelecer e manter a comunicação. Porém, é preciso muito tempo onde a gestão dos silêncios é deveras importante, etc. “os parceiros envolvidos realmente se ouvem e estão preparados para suspender seus julgamentos (p. 23)”.

No nosso caso, o recurso de vocabulário em japonês tem permitido também estabelecer a comunicação fluída, e.g., qual o seu *tokui-waza*^{††††}, igualmente os comentários sobre adversários internacionais tem tornado as narrativas em diálogo. Isto significa que com algumas asserções pontuais, conseguimos que o narrador aceda à sua

^{†††} Le Goff J. O apogeu da cidade medieval. São Paulo: Martins Fontes; 1992.

^{††††} Tokui-waza: é o termo japonês que se refere a técnica predileta. De uma certa forma falar do ‘tokui-waza’ é entrar na intimidade do judoca.

memória e descreva em pormenor os acontecimentos. A este propósito observámos que algumas destas memórias há muito que não eram acedidas. Finalmente, sublinhamos, que de nenhuma forma estas técnicas impedem ou dificultam que o colaborador desenvolva a sua narrativa livremente.

7 Análise dos vídeos e não somente do texto das transcrições, de forma a identificar as emoções dos entrevistados

Tal como no estudo realizado no Brasil, também em Portugal esta forma de análise constituiu-se uma dificuldade técnica. Notámos que num estudo onde o volume de colaboradores é muito grande torna-se muito difícil ou mesmo impossível, realizar as transcrições das entrevistas logo após a sua realização. Na verdade, algumas entrevistas eram realizadas no mesmo dia ou em dias muito seguidos, não permitindo o seu registo. Dada esta impossibilidade decidimos realizar as transcrições a partir do material bruto, em formato vídeo. Esta decisão veio a revelar-se muito útil, pois permitiu uma análise não somente do texto, mas também dos aspetos da paralinguagem como exemplo, a postura, a respiração, o riso ou o choro do narrador, diríamos que permitiu estabelecer ‘intimidade’ com o colaborador, pois as possibilidades de interpretação das narrações multiplicaram-se quando analisámos por exemplo, o tom da voz e as alterações corporais, olhares difusos, risos irónicos e falas mais ríspidas permitem interpretar o que não está dito, ou pelo menos nem sempre é transcrito com o acesso restrito ao áudio. As análises dos vídeos permitiram aprofundar em todas estas situações, mais, até mesmo quando alguns narradores solicitaram o desligar da câmara para fazer alguma declaração indevida para registo.

8 Recolha de imagens, fotos ou registos históricos dos entrevistados

No estudo elaborado no Brasil a recolha de material fotográfico dos acervos pessoais dos colaboradores foi realizada sem qualquer tipo de planeamento quanto à sua utilização e, por isso, confrontámo-nos com a impossibilidade de utilizar este material, já que não havíamos recolhido autorização expressa dos colaboradores. No estudo em Portugal, foi decidido solicitar via e-mail, a disponibilização de material fotográfico, este pedido foi acompanhado por termo de consentimento de utilização. Especificamente as recolhas de imagens ocorrem de duas formas, ou os colaboradores

nos levam o material, ou solicitamos que eles escolham as que considerem mais importantes e nos enviem por e-mail. Em alguns casos, a função mais interessante destes materiais, são reavivar as memórias dos narradores, pois por vezes as fotos e documentos são parte das memórias destes protagonistas, mas com pouco valor histórico.

No caso dos narradores pioneiros na prática do judo e já em fase de grande idade, o registo em vídeo foi o único material das suas experiências e narrativas biográficas. Nestes casos, Poirier et al.⁴ afirmam a grande importância do registo do testemunho de últimos personagens, e da tentativa de resgatar documentos ameaçados de desaparecimento. Tanto no Brasil, como em Portugal pudemos verificar que alguns atletas e treinadores proeminentes estão já desaparecidos.

9 A elaboração da árvore genealógica desportiva e a triangulação das narrativas.

Como já afirmado, inicialmente no estudo do Brasil estávamos focados na imigração japonesa, pois havia o entendimento que nela estavam os caminhos para desvendar essa história e desenvolvimento do judo. Estávamos convencidos de que assim seria possível identificar as origens e proceder à elaboração de uma genealogia desportiva, a qual denominamos ‘árvore genealógica desportiva’ (AGD). Esta ideia implicava na prática identificar e entrevistar atletas e seus formadores e, em seguida, realizar o mesmo procedimento até chegar à origem. Isto é, esperava-se que este caminho nos desse abertura a novas redes até encontrarmos quem foi o portador dos conhecimentos do judo e que os transmitiu. Assim foram desenhadas árvores genealógicas de costado^{§§§§} dos atletas. As árvores de costado iniciam no tempo presente e recuam até os momentos do passado enquanto as identificações dos ancestrais forem, neste caso, ancestrais da família judoística. A estes indivíduos denominamos ‘genearcas’¹¹. A criação das AGD permitiu uma triangulação das informações, de forma a elucidar melhor os fatos relatados pelos colaboradores e compará-los aos registos históricos existentes.

Ao entrevistarmos os atletas medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos do mundo, seus professores, seus treinadores e a muitos dos seus adversários, foi possível comparar as informações prestadas pelos narradores, verificando-se que as versões nem

§§§§ Árvores genealógicas de costado são aquelas elaboradas a partir de um membro do presente, recuando no passado até seus ancestrais.

sempre eram compatíveis em parte ou na totalidade. Este estudo procurou apresentar estas versões. Conforme nos diz Marc Bloch², “[...] não basta constatar um embuste. É preciso também descobrir seus motivos.” e acima de tudo, “[...] uma mentira, enquanto tal é, ao seu modo, um testemunho (p. 98)”.

A verificação das narrativas e os estudos dos registos históricos sobre factos relatados pelos narradores são fundamentais para o leitor fazer a sua interpretação. É bem provável que as falhas das memórias individuais e os diferentes pontos de vista sejam distintos. Porém a riqueza do método está justamente em analisarmos as diferentes perspectivas sobre os acontecimentos.

Para que um testemunho seja reconhecido como autêntico, o método [...] exige que ele apresente uma certa similitude com os testemunhos vizinhos. Se aplicarmos, entretanto, esse preceito ao pé da letra, o que seria da descoberta? Pois quem diz descoberta diz surpresa, e dessemelhança (p.115)².

Encerramos este ensaio uma vez mais com Marc Block², “Em todas as coisas humanas, as origens em primeiro lugar são dignas de estudo (p.56)”.

Referências

- 1 Hobsbawm E. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras; 1995.
- 2 Bloch M. *Apologia da história: ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar; 2002.
- 3 Meihy JCSB, Barbosa FH. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto; 2010.
- 4 Poirier J, Clapier-Valladon S, Raybaut P, Quintela J, Monteiro A. *Histórias de vida: teoria e prática*. Oeiras: Celta; 1999.
- 5 Perks R, Thomson A. *The oral history reader*. New York: Routledge; 2015.
- 6 Rubio K, *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Képos; 2016.
- 7 Hounsell D. *Contrasting conceptions of essay-writing*. In: Housell D. *The experience of learning*. Edinburgh: Scottish Academic Press; 1997. p. 106-125.
- 8 Meneghetti FK. *O que é um ensaio-teórico?* *Rev. de Admin. Cont.* 2011; 15(2): 320-332.
- 9 Husserl E. *On the Phenomenology of the Consciousness of Internal Time (1983-1917)*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers; 1991.

10 Nunes AV, Rubio K. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. *Rev. Bras. de Educ. Fís. e Esp.* 2012; 26(4): 667-678.

11 Nunes AV. A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais. [Tese]. São: Paulo: Universidade de São Paulo; 2011.

12 Harari YN. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM; 2016.

13 Pellegrino C. *O Último Trem de Hiroshima—os sobreviventes olham para trás*. São Paulo: Leya; 2010.

14 Caiden M, Sakai S, Saito F. *Samurai*. São Paulo: C&R; 2014.

15 Nunes AV. *Judo: Caminho das medalhas*. São Paulo: Kazuá; 2013.

16 Brousse M. *Les racines du judo français: histoire d'une culture sportive*. Bordeaux: Presses Univ de Bordeaux; 2005.

17 Benedict R. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva; 2009.

18 Trusz RA, Nunes AV, Balbinotti CAA. A prática do judô e a promoção de comportamentos socialmente competentes de crianças. *Rev. Bras. de Psico. do Esp.*, 2018; 8(2): 64-75.

19 Coakley JJ. *Sports in society: issues and controversies*. New York: MacGraw- Hill; 2015.

20 Perez, CR. A busca do atleta olímpico. In: Rubio K (Ed.). *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Képos; 2016. p. 135-148.

21 Hammersley M, Atkinson P. *Ethnography and participant observation*. *Handb. of qual. Res.*. 1994; 1: 248-261.

22 de Feijter I. *The art of dialogue: Religion, communication and global media culture*. Berlin: LIT Verlag Münster; 2006. v .15.